

**PERFIL DOS TREINADORES E COMISSÃO TÉCNICA DA 2ª DIVISÃO DO FUTEBOL DO RIO GRANDE DO SUL**Fábio Bitencourt Leivas<sup>1</sup>  
Marcelo Cozzensa da Silva<sup>2</sup>**RESUMO**

**Introdução e objetivos:** O futebol de campo está organizado em sua estrutura, a nível nacional e regional, por divisões. O estudo objetivou descrever o perfil dos treinadores e a composição da comissão técnica dos clubes da 2ª Divisão do Futebol do Rio Grande do Sul. **Materiais e métodos:** A avaliação do perfil do treinador e composição da comissão técnica foi realizada por meio de um questionário estruturado, pré-testado, com questões fechadas e abertas, sobre dados demográficos, de trabalho, de formação acadêmica e esportiva e resultados expressivos conquistados, além de informações sobre a composição da comissão técnica. **Resultados:** os treinadores apresentaram média de idade de 46,7 anos, com experiência profissional de 10,4 anos e média de atuação no clube atual de 6,4 meses. Menos de 1/3 dos treinadores eram graduados em educação Física e 69,2% realizaram algum curso de formação em futebol de campo. Mais de 80% já havia atuado como jogador profissional e 61,5% relataram que tal experiência foi importante para a atuação no cargo que exercem. Em relação à comissão técnica, os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), sendo que apenas uma equipe não contou com preparador físico. Os clubes também apresentaram considerável frequência de auxiliares técnicos e fisioterapeutas. **Conclusão:** O futebol de campo, mesmo com toda sua grandiosidade, ainda carece de estudos que identifiquem sua realidade, em especial a das divisões de acesso e das equipes amadoras.

**Palavras chave:** Esportes. Recursos humanos. Capacitação. Organização e administração.

1-Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Bagé-RS, Brasil.

2-Escola Superior de Educação Física (ESEF), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas-RS, Brasil.

**ABSTRACT**

Profile of coaches and technical committee of the 2nd division of Rio Grande do Sul football

**Introduction and aims:** Football is organized in its structure, at national and regional level, by divisions. The study aimed to describe the profile of the coaches and the composition of the technical committee of the clubs of the 2nd Football Division of Rio Grande do Sul / Brazil. **Materials and methods:** The evaluation of coach profile and composition of the technical committee was carried out by a structured questionnaire, pre-tested with closed and open questions about demographic, work, academic and sports training, and significant results achieved, as well as information about the composition of the technical committee. **Results:** the coaches had a mean age of 46.7 years, with professional experience of 10.4 years and average performance in the current club of 6.4 months. Less than 1/3 of the trainers were graduates in Physical Education and 69.2% undertook some training course in football. More than 80% had already acted as a professional player and 61.5% reported that such experience was important for the coach position. Regarding the coaching staff, the positions of coach, goalkeeper coach, doctor and wardrobe were present in all clubs (100%), and only one team did not have a physical trainer. The clubs also had considerable attendance of technical assistants and physiotherapists. **Conclusion:** Football, even with all its grandeur, still lacks studies that identify its reality, especially that of the access divisions and amateur teams.

**Key words:** Sports; human resources; training; organization and administration.

E-mails dos autores:  
fabioleivasbage@gmail.com  
cozzensa@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil e no mundo representa uma atividade com enorme importância social cujas consequências ultrapassam as linhas do campo de jogo, tornando-se, muitas vezes, questões de estado (Gastaldo, 2009).

Atualmente, esse é o desporto mais praticado e assistido no mundo. Para se ter ideia de sua dimensão, o futebol é praticado por cerca de 265 milhões de jogadores, sendo 10% destes do sexo feminino. Além disso, estima-se que 38 milhões de atletas são registrados em confederações. A modalidade vem sendo fomentada por organizações, entidades e indivíduos, cujas práticas e objetivos influenciaram sua situação atual (Figueiredo, 2011).

O futebol de campo está organizado em sua estrutura, a nível nacional e regional, por divisões. Na primeira divisão atuam os clubes considerados de "elite", como são considerados aqueles que participam desta divisão, já nas divisões abaixo, estão inseridos os clubes que buscam o acesso à esta, chamadas de divisões de acesso.

As divisões de acesso apresentam, dependendo da unidade federativa do Brasil onde estão alocadas, diferentes nomenclaturas e categorias. Por exemplo, encontramos os campeonatos nacionais das séries B, C e D, o campeonato carioca das séries B e C, o campeonato paulista das séries A2 e A3. No estado do Rio Grande do Sul-RS no ano de 2013, as divisões abaixo da principal se dividiram em divisão de acesso (outrora denominada de 2ª divisão, que daria direito ao acesso à divisão principal) e segunda divisão (outrora denominada de 3ª divisão, que daria acesso ao campeonato da divisão de acesso).

As divisões de acesso representam a parte de baixo da pirâmide salarial do futebol. Dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) indicam que 84,0% dos jogadores de todas as divisões do Brasil recebem salários até 1.000 reais, 13,0% recebem entre 1.000 e 9.000 reais e uma pequena parte (3,0%) recebe mais de 9.000 reais de vencimentos mensais (Soares e colaboradores, 2011).

Além das diferenças financeiras, os clubes das divisões principais possuem melhor estrutura física e de pessoal, o que ajuda a proporcionar um trabalho de maior qualidade

na busca de resultados expressivos nas competições (Freire Junior e colaboradores, 2011).

As condições de campo de jogo, por exemplo, são bem diferentes: enquanto os clubes da 1ª divisão possuem campos para treinamento, clubes das divisões menores, treinam e jogam no mesmo gramado, o que impõe dificuldades e restrições, principalmente para o processo de treinamento e gera falta de qualidade para do campo de jogo para as partidas (Almeida, Oliveira e Silva, 2011).

Por algumas das condições descritas acima, comandar uma equipe das divisões de acesso não é tarefa fácil. Somado a elas, a dinâmica e competição do futebol atual têm imposto aos treinadores atuais atualização constante, tanto nos métodos de treinamento, quanto no conhecimento de seus adversários (Hirota e colaboradores, 2011; Marturelli Jr e Oliveira, 2005).

O treinador é o principal condutor da comissão técnica, cabendo a ele a responsabilidade pelo ambiente do vestiário, pelo desenvolvimento dos conteúdos e metodologias que determinam a estabilização e a integração de todos os membros da comissão técnica (Carravetta, 2009).

Apesar de se conhecer a importância dos treinadores e da comissão técnica para a realização de um bom trabalho nos clubes de futebol, existe escassez de informações acerca desses profissionais. Quando se refere ao futebol profissional das divisões de acesso, inexistem estudos no Brasil sobre esse tema e acredita-se, portanto, que este trabalho poderá contribuir para uma melhor compreensão e, conseqüentemente, ajuda na estruturação do futebol das divisões de acesso.

Portanto, o objetivo do presente trabalho foi descrever o perfil dos treinadores e a composição da comissão técnica que atuavam nas equipes que compunham o futebol da 2ª divisão do RS no ano de 2013.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo caracterizou-se por ser descritivo exploratório, que incluiu o questionário, a observação e a entrevista como forma de coleta de dados. A população do estudo foi composta pela totalidade de Técnicos de Futebol dos 13 clubes que participaram da 2ª Divisão do futebol profissional do estado do Rio Grande do Sul

no ano de 2013. Faziam parte da competição os seguintes clubes: Guarany Futebol Clube (Bagé), Grêmio Esportivo Bagé (Bagé), Esporte Clube 14 de Julho (Santana do Livramento), Esporte Clubes Guarani (Venâncio Aires), Sport Club Rio Grande (Rio Grande), Grêmio Esportivo Sapucaense (Sapucaia do Sul), Clube 15 de Novembro (Campo Bom), Associação Garibaldi de Esportes (Garibaldi), Esporte Clube Palmeirense (Palmeira das Missões), Tupi Futebol Clube (Crissiumal), Associação Nova Prata de Esportes (Nova Prata), Futebol Clube Marau (Marau), Três Passos Atlético Clube (Três Passos).

A primeira etapa para realização do estudo foi o contato com a Federação Gaúcha de Futebol para a obtenção do endereço e número telefônico de todos os clubes participantes da Segunda Divisão. Posteriormente, o pesquisador responsável, de posse do número telefônico, entrou em contato com cada uma das agremiações que disputariam o campeonato para certificação do endereço das mesmas, a possibilidade de realização da pesquisa e, em caso positivo, o agendamento do local, data e horário das entrevistas.

Com o agendamento realizado, o pesquisador se deslocou a cada um dos municípios onde os clubes estavam sediados e procedeu a de coleta de dados. As entrevistas foram realizadas in loco, com cada um dos treinadores, de forma individual, no próprio ambiente do clube. A ordem de execução das mesmas se deu conforme a ordem de agendamento com os profissionais participantes.

Para a avaliação do perfil do treinador e composição da comissão técnica foi utilizado um questionário estruturado, pré-testado, com questões fechadas e abertas, criado pelos pesquisadores. O questionário coletou variáveis demográficas (idade – anos), de trabalho (profissão; tempo no cargo – meses; cargos ocupados no clube; início de carreira – ano que iniciou como treinador; curso de formação/aperfeiçoamento – especializações, cursos técnicos na área de futebol de campo; resultados expressivos conquistados – número de títulos ganhos; clubes que trabalhou – lista de clubes anteriores; experiência como atleta profissional de futebol – sim, não, importância da experiência como atleta para o trabalho de treinador – questão aberta; importância das

divisões de base e centro de treinamento; componentes da comissão técnicas – auxiliar técnico, preparador físico, preparador de goleiros, massagista, médico, fisioterapeuta, psicólogo, dentista, nutricionista, roupeiro; formação dos componentes da comissão – grau de estudo). O presente questionário passou por estudo piloto com três treinadores de equipes profissionais da divisão de acesso do campeonato gaúcho de futebol de campo para treinamento do aplicador do questionário e detecção de possíveis falhas ou falta de perguntas fundamentais a execução do estudo.

A estrutura do banco de dados foi realizada no programa Microsoft Excel for Windows 2010. Cada questionário foi digitado por profissional treinado para tal função. Para análise dos dados, utilizou-se o software estatístico STATA 13.0. Foi realizada unicamente a análise univariada dos dados, com cálculo de medidas de tendência central (mediana, média e desvio padrão, valores mínimos e máximos) para as variáveis contínuas e de proporção para as variáveis categóricas.

O protocolo do estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas sob número 475.742. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido consentindo fazer parte da população estudada.

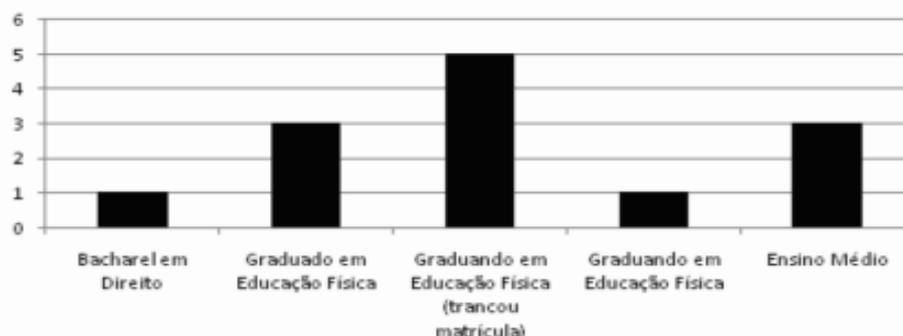
## RESULTADOS

Foram estudados todos os técnicos das equipes de futebol da 2ª Divisão do Campeonato Gaúcho de 2013 (n=13), sendo que a média de idade dos entrevistados foi de 46,7 anos (DP±5,0 anos), tendo o treinador mais jovem a idade de 39 anos e o mais velho 58 anos. A média de tempo de experiência como treinador e o tempo no cargo na equipe em que atualmente treinam foram, respectivamente, de 10,4 anos (DP±7,2) e 6,4 meses (DP±7,2 meses). O treinador mais antigo iniciou carreira profissional no ano de 1992 e o mais novo em 2013.

Os resultados demonstraram que, do total de treinadores entrevistados, somente três possuíam formação superior em Educação Física (30,8%). Dentre os demais, um possuía formação superior no curso de Direito, um estava cursando Educação Física,

cinco cursaram, mas trancaram, a graduação em Educação Física, e três possuíam

unicamente ensino médio completo (Figura 1).



**Figura 1** - Grau de formação dos treinadores de futebol profissional da 2ª Divisão do RS (n=13).

Em relação aos cursos de formação, nove técnicos (69,2%) responderam que realizaram algum curso relacionado ao futebol de campo enquanto outros quatro responderam que não realizaram curso algum na vida. Quanto a algum curso de aperfeiçoamento ou atualização, apenas dois (15,4%) tinham realizado alguma formação continuada, de atualização ou aperfeiçoamento.

Em relação a realização de algum curso de especialização, apenas um (7,7%) dos entrevistados respondeu ter realizado e concluído tal grau acadêmico. Esse último resultado chama a atenção por se tratar de um treinador graduado em Educação Física, que respondeu, inclusive, que possuía mais de um curso de especialização relacionado às áreas de treinamento desportivo e treinamento de futebol.

Os treinadores também foram questionados sobre sua experiência como jogadores profissionais: 11 (84,6%) responderam que já haviam sido profissionais dessa modalidade. Ao serem questionados sobre a importância da relação entre ter sido jogador e a melhor preparação para exercer o cargo de treinador, oito entrevistados (61,5%) responderam que a experiência como jogador foi importante para o cargo no qual se encontravam. Em relação ao fato do histórico de ser ex-atleta profissional facilitar na obtenção do cargo de treinador, 10 respondentes (76,6%) relataram que tal fato ajudou muito para obter a posição de treinador.

Quando questionados sobre os títulos conquistados como treinador profissional, oito (61,5%) responderam que não possuíam ainda qualquer título em suas carreiras, enquanto que cinco (38,5%) responderam que possuíam um ou mais títulos expressivos em sua trajetória como técnico. Quando perguntados sobre o número de clubes em que já haviam atuado como treinador, as respostas variaram de nenhum a 10 clubes, sendo a média de 3,8 clubes ( $DP \pm 2,8$ ).

Dois treinadores (15,4%) já haviam trabalhado em sete clubes e um treinador estava em sua primeira experiência como comandante de elenco futebolístico. Em relação às divisões de futebol nas quais já haviam atuado, seis indivíduos (46,2%) responderam que ter trabalhado na primeira e na segunda divisões do futebol de campo.

Os treinadores foram questionados sobre a importância das categorias de base, da infraestrutura física e de um centro de treinamento para os clubes. Houve unanimidade em afirmar que estes pontos são importantes na estrutura de um clube de futebol.

Os treinadores deste estudo responderam sobre como era constituída a comissão técnica de seus clubes. Os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), sendo que apenas uma equipe não contou com preparador físico (o treinador acumulava o cargo). O auxiliar técnico esteve presente em oito equipes (61,5%), o fisioterapeuta em 11 (84,6%), o psicólogo em

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

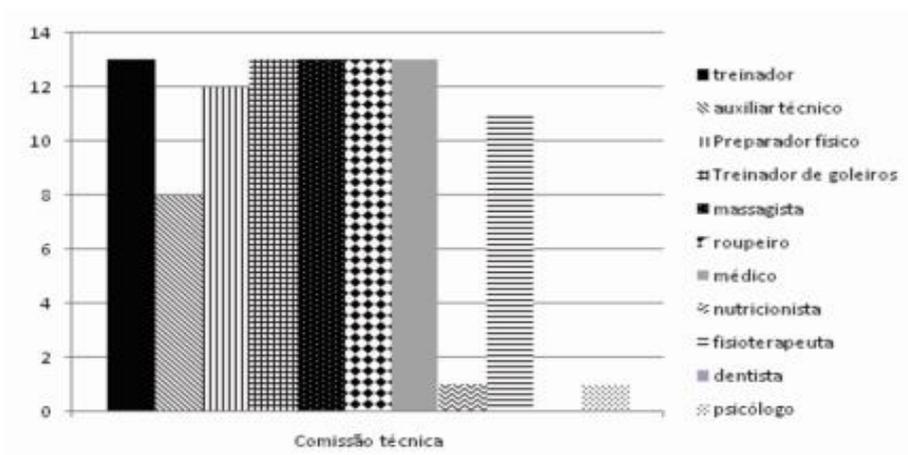
Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

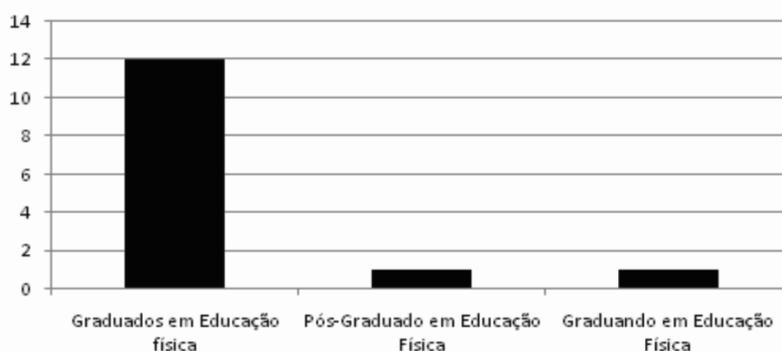
uma (7,7%) e o dentista e o nutricionista em nenhum clube (Figura 2).

A formação do auxiliar técnico e do preparador físico também foram alvo de investigação: o ensino médio completo foi o grau máximo de escolaridade encontrado para

todos auxiliares técnicos. Em relação aos preparadores físicos (n=12), 11 eram graduados em Educação Física (91,7%) (um deles possuía curso de pós-graduação na área) e um estava cursando faculdade (8,3) (Figura 3).



**Figura 2** - Composição da comissão técnica dos clubes 13 clubes participantes do Campeonato Gaúcho da Segunda Divisão no ano de 2013.



**Figura 3** - Grau de formação dos Preparadores físicos (n=13) da Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho de 2013.

## DISCUSSÃO

A média de idade dos treinadores do presente estudo foi muito semelhante ao encontrado por um estudo que investigou treinadores da primeira divisão do campeonato mineiro de futebol (Costa, Samulski e Marques, 2006).

Outro estudo (Costa, 2005) realizado com treinadores de equipes de Portugal, encontrou média de idade de 35,9 ( $\pm 9,52$ ), sendo que o treinador com menor idade possuía 20 anos e o mais velho 58 anos. Embora os números mostrem friamente uma

realidade local, enquanto País, sabemos que muitos destes treinadores são alçados ao cargo de treinador logo depois que encerram suas carreiras como atletas. Portanto, esta média de idade elevada pode estar representando profissionais que iniciaram suas carreiras a mais ou menos 10 anos, o que leva a crer que podem não ser profissionais muito experimentados e consolidados.

Este fato de característica local pode influenciar em uma idade média superior, quando comparamos clubes de países tão diferentes do ponto de vista cultural como Brasil e Portugal. A cultura de países da

Europa é de uma formação profissional mais prevalente, enquanto sabemos que no Brasil a formação tanto acadêmica quanto profissional atinge um percentual menor da população.

A média de tempo de experiência como treinador e o tempo no cargo na equipe em que atualmente treinam vão ao encontro com os dados encontrados por Costa e colaboradores (2006), os quais, ao avaliar treinadores mineiros, encontrou tempo médio de experiência como treinador igual a 13,7 anos (DP±9,4).

Não foram encontrados estudos que descrevam o tempo médio de permanência de um treinador em equipes profissionais de futebol de campo. O pouco tempo de permanência encontrado entre os técnicos do presente estudo pode estar relacionado com alguns fatores a serem descritos. O primeiro refere-se ao pouco tempo de duração da competição, a qual dura em torno de cinco meses. Outro fator é o contrato de trabalho entre o treinador e os clubes, o qual, geralmente, dura o período da competição, de forma a não onerar os gastos dos clubes. Por último, a tradição do futebol brasileiro, a qual prima por resultados a curto prazo.

A formação acadêmica dos treinadores da 2ª Divisão do Futebol do RS identificou baixos percentuais de finalização de curso superior, especialmente o de áreas afins, como o caso do curso de Educação Física (30,8%). Estudo com treinadores de Portugal (Costa, 2005) encontrou que 23,3% dos entrevistados possuía o grau equivalente ao nosso ensino médio, com 12 anos de escolaridade, exigência para a realização do curso de formação de treinadores, 10,3% possuía o equivalente ao ensino fundamental e a maioria (66,4%) o ensino superior, dados heterogêneos aos encontrados no presente estudo.

Entretanto, um dos raros estudos com treinadores realizados no Brasil (Cortela e colaboradores, 2013), mais especificamente no estado do Paraná com professores de tênis, verificou que 34,0% dos profissionais estudados possuíam graduação em Educação Física e 19,0% estavam cursando o referido curso. A Lei n.º 9.696/98 que regulamenta a atuação do Profissional de Educação Física, determina que os profissionais que não comprovaram o exercício da profissão anteriormente à vigência dessa lei, necessariamente, terão que se graduar na

área para poder atuar no mercado do futebol, considerado uma atividade própria dos profissionais de Educação Física. No caso do presente estudo, a maioria dos técnicos apresentava atuação anterior à data da lei, o que fez com que os mesmos estivessem habilitados a se cadastrar no conselho Federal de Educação Física e receber o provisionamento para o trabalho que hoje exercem.

A formação dos treinadores de diferentes desportos está fortemente associada à via confederativa e, no caso específico do futebol de campo, isso não é diferente (Cortela e colaboradores, 2013). A baixa frequência encontrada para atualização através de cursos de especialização encontrado no presente estudo está relacionada ao grau de formação superior dos entrevistados.

A escolaridade apresentada pelos treinadores pode influenciar na escolha em relação aos locais/instituições onde os mesmos irão procurar continuar e qualificar suas formações. A literatura salienta que treinadores com formação de ensino médio, vêm a atribuir às federações a responsabilidade sobre as ações de capacitação, enquanto os técnicos com formação superior em Educação Física consideram que todas as entidades oficialmente reconhecidas deveriam exercer essa função (Gomes e colaboradores, 2005).

O presente estudo identificou que 84,6% dos entrevistados haviam sido profissionais dessa modalidade e 61,5% responderam que a experiência como jogador foi importante para o cargo. Além disso, 76,6% relataram que ter sido jogador ajudou muito a ser selecionado para a função. No estudo com treinadores de Portugal o autor relatou que a maioria dos treinadores (92,2%) possuía prática como ex-atleta de futebol, dado similar ao do presente estudo, onde o passado como atleta possui uma tendência de direcionar o mesmo para a sequência na carreira de treinador de futebol (Costa, 2005).

A cultura do esporte nacional no Brasil em relação ao futebol de campo continua a valorizar a utilização de ex-atletas na função de treinador, sendo que, muitas vezes, esse profissional não possui qualificação nem foi submetido a um processo de preparação para o cumprimento dessa atividade (Costa, 2003). O mesmo autor descreve que tal razão se

deve a dois fatores principais: regulamentação da profissão e às funções que o profissional de Educação Física deve exercer e a fragilidade dos cursos de Educação Física. Como descrito anteriormente, somente no mês de setembro de 1998 (Lei n.º 9696/98) (Brasil, 1998), o professor de Educação Física foi reconhecido como o profissional qualificado para atuar como treinador esportivo, o que dá margem a antigos envolvidos no treinamento com futebol a continuar trabalhando (seguindo as normativas atuais).

Em relação aos cursos de Educação Física, o referido autor relata que, apesar dessas instituições apresentarem grades curriculares extensas e que contemplem áreas do conhecimento do homem psicofisiológico, as mesmas não priorizam a formação de treinadores nas diversas modalidades esportivas.

Isto faz com que os graduandos, ao término do curso, não se sintam preparados para ingressar e atuar nesse mercado de trabalho. Contradizendo tais afirmativas, achado na literatura afirma que a construção do conhecimento profissional é fortemente influenciada pela experiência de prática cotidiana no esporte e decorre de um processo contínuo que se inicia ainda na condição de jogador em formação (Gilbert, Côte e Mallett, 2006).

Em relação aos títulos conquistados, 38,5% dos treinadores responderam que possuíam um ou mais títulos expressivos em sua trajetória como técnico. Diferentemente dos achados, o estudo de Costa (2005), que descreveu os treinadores de Minas Gerais, encontrou que 76,9% dos treinadores por ele pesquisados, já haviam conquistado algum título na carreira. Tal diferença pode se dar pelos fatos que os treinadores estudados trabalhavam em clubes da divisão principal do campeonato, a qual procura "nomes vitoriosos" para dirigir seus plantéis e porque a segunda divisão ainda serve como local de experiência e formação de novos treinadores.

O campeonato da segunda divisão ocorre em período do ano diferente dos campeonatos da divisão principal e acesso. Isto permite que os técnicos, de acordo com as cláusulas contratuais estabelecidas com os clubes, venham a dirigir outras equipes durante o mesmo ano. Isso pode sustentar os achados referentes ao número de clubes em que os treinadores haviam atuado.

Houve unanimidade entre os treinadores que se ter categorias de base na equipe onde atua, uma boa infraestrutura física e um centro de treinamento são importantes fatores para o desenvolvimento do trabalho no clube. Existem afirmações na literatura indicando que as categorias de base não garantem que aqueles atletas que participam da mesma sejam efetivados como profissionais, mas que esta é um rito de passagem pelos jovens atletas até chegarem ao profissional (Souza, 2009).

A importância da base é destacada em primeiro lugar, pela contenção de despesas com contratação de jogadores que possuem passes valorizados e com o possível retorno financeiro, que pode ocorrer com a negociação dos direitos federativos dos atletas que se destacam tanto na base quanto no profissional (Paoli, 2008; Caetano e Rodrigues, 2009).

Em relação a infraestrutura física, os centros de treinamento (CTs), são utilizados tanto na formação dos novos atletas, como na preparação e treinamento das equipes principais (Fumagal e Louzada, 2009; Marques, 2005). Estes centros de treinamento são verdadeiros laboratórios na preparação e formação de atletas e que os mesmos trazem consigo, a utilização de novas tecnologias sendo extremamente importantes aos clubes de futebol (Rodrigues, 2003).

Um programa de treinamento voltado para o esporte competitivo necessita de controle de uma série de variáveis que podem, dependendo de como manuseadas, melhorar ou prejudicar o desempenho coletivo ou individual. Nesse contexto, a comissão técnica do clube é a responsável por controlar o ambiente de treinamento, tomando as precauções para o bom andamento das atividades (Gould e colaboradores, 1999).

O aperfeiçoamento técnico é claramente reivindicado para toda comissão técnica, que invariavelmente deve ser composta por treinador e auxiliares, preparador físico, nutricionista, fisioterapeuta e médico (Peres e Lovisoló, 2006).

Os treinadores aqui entrevistados relataram que a totalidade das equipes contava com preparador físico (mesmo um sendo treinador ao mesmo tempo) e mais de 60% possuíam auxiliar técnico e fisioterapeutas, entretanto faltando dentistas e nutricionistas. Os salários dos jogadores e comissão técnica são, hoje, a parcela mais

significativa de gastos de um clube (Figueiredo, 2011).

Em clubes com baixa arrecadação financeira, os quais, na maioria das vezes, dependem de apoiadores independentes e dirigentes, a contratação de uma comissão técnica completa é quase inviável. Além da falta de condição financeira, vários clubes não apresentam estrutura física para o desenvolvimento de trabalho de uma comissão dita como "ideal". As equipes aqui estudadas apresentaram, em quase totalidade, os cargos mínimos necessários para o bom andamento do trabalho de preparação física, técnica e tática: técnico, preparador físico, treinador de goleiros e médico.

O futebol, por ser um desporto coletivo de característica cíclica e acíclica, onde eventos aeróbios, predominantes, e anaeróbios, decisivos, requer do jogador um ótimo desempenho físico. Esse desempenho exigido aos atletas vem se modificando com o passar dos anos pela evolução dos sistemas ofensivos e defensivos aplicados no futebol. Devido a isso, é de grande importância que a comissão técnica obtenha indicadores que apontem as necessidades, limitações e evoluções, com a finalidade de planejar o treinamento mais indicado ao grupo de jogadores dentro do período de preparação no qual se encontram (Borin, 2011).

Baseado nessas premissas, a utilização de preparadores graduados em Educação Física com formação continuada em treinamento esportivo e fisiologia do exercício é necessária para a busca de melhores resultados, o que parece ser respeitada nessas equipes, onde onze preparadores físicos 11 eram graduados em Educação Física (91,7%).

O cuidado metodológico, a logística de coleta de dados acontecida em várias cidades do Rio Grande do Sul e a ausência de perdas e recusas são alguns pontos a serem destacados no estudo. Entretanto, apesar da realização de um estudo piloto, questões abertas acerca do tema pesquisado poderiam ter sido inseridas no questionário.

## CONCLUSÃO

Os achados do estudo identificaram que os treinadores de futebol profissional da segunda divisão do RS apresentaram média de idade de 46,7 anos, com experiência

profissional de 10,4 anos e média de atuação no clube atual de 6,4 meses. Menos de 1/3 dos treinadores eram graduados em Educação Física e 69,2% realizaram algum curso de formação em futebol de campo. Mais de 80% já havia atuado como jogador profissional e 61,5% relataram que tal experiência foi importante para a atuação no cargo que exercem.

Em relação à comissão técnica, os cargos de treinador, treinador de goleiro, médico e roupeiro estiveram presentes em todos os clubes (100%), sendo que apenas uma equipe não contou com preparador físico. Os clubes também apresentaram considerável frequência de auxiliares técnicos e fisioterapeutas, mas outros profissionais como dentista e psicólogo, também de grande importância, não estiveram presentes nas comissões técnicas.

Outro fator importante foi à formação/atualização dos treinadores, a qual está, em grande parte, associada, quase que exclusivamente, as confederações. Isso pode estar associado a dois fatores: a formação básica dos treinadores muitas vezes os impossibilita de realizarem cursos específicos voltados a graduados; e, em muitos casos, o curso de formação superior (graduação em Educação Física ou Ciências do Desporto) não apresentam em sua grade curricular disciplinas específicas voltadas ao futebol de campo, as quais poderiam atrair os indivíduos a cursá-lo.

O futebol de campo, mesmo com toda sua grandiosidade, ainda carece de estudos que identifiquem sua realidade, em especial a das divisões de acesso e das equipes amadoras.

Portanto, sugerimos que mais estudos sejam direcionados para essa modalidade esportiva, a qual é idolatrada nas cidades onde se estabelecem e que abastecem com treinadores, jogadores e membros da comissão técnica, os clubes das divisões acima.

## REFERÊNCIAS

1-Almeida, L.G.; Oliveira, M.L.; Silva, C.D. Uma análise da vantagem de jogar em casa nas duas divisões principais do futebol brasileiro. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*. Vol. 25. Num. 1. 2011. p.49-54.

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

- 2-Borin, J. P. Avaliação dos efeitos do treinamento no período preparatório em atletas profissionais de futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 33. Num. 1. 2011. p.219-33.
- 3-Brasil, Lei nº 9696, de 1º de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9696.htm)> Acesso em 28/01/2014.
- 4-Caetano, S. M.; Rodrigues, F. X. F. Modernização do Futebol Brasileiro e a Transferência Internacional de Jogadores Brasileiros. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro (RJ). 2009.
- 5-Carravetta, E. O enigma da preparação física no futebol. Porto Alegre. AGE. 2009.
- 6-Cortela, C.C.; Aburachid, L.M.; Souza, S.P.; Cortela, D.N.R.; Fuentes, J.P.A formação inicial e continuada dos treinadores Paranaenses de tênis. Vol. 11. Num. 2. 2013. p.60-84.
- 7-Costa, I.T.; Samulski, D.M.; Marques, M.P. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro de 2005. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Vol. 14. Num. 3. 2006. p.55-62.
- 7-Costa, J.P.A. A formação do treinador de futebol. Análise de competências, modelos e necessidade de formação. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. 2005.
- 8-Costa, V.T. Análise do perfil de liderança atual e ideal de treinadores de futsal de alto rendimento, através da escala de liderança no desporto (ELD). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte. 2003.
- 10-Figueiredo, D. A profissionalização das organizações de futebol: Um estudo de caso sobre a estratégia, estrutura e ambiente dos clubes brasileiros. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Curso Faculdade de Ciências Econômicas. Belo Horizonte. 2011.
- 11-Freire Junior, J. M.; Silva, I.F.; Cimaschi, J.P.R.; Cimaschi Neto, E.O. Verificação e comparação da iniciação ao futebol de jogadores juniores de clubes da 1ª e 2ª divisão. *Coleção Pesquisa em Educação*. Vol. 9. Num. 4. 2010. p. 239-46.
- 12-Fumagal, R.F.; Louzada, R. O modelo de gestão do São Paulo Futebol Clube. *Razon y Palabra*. Vol. 13. Num. 69. 2009. p.1-36.
- 13-Gastaldo, E. "O país do futebol" mediatizado: mídia e copa do mundo no Brasil. *Sociologias*. Vol. 11. Num. 22. 2009. p.352-69.
- 14-Gilbert, W.D.; Côte, J.; Mallett, C. Developmental paths and activities of successful sport coaches. Vol. 1. Num. 1. 2006. p.69-76.
- 15-Gomes, R.E.; Isidro, A.S.M.; Batista, P.M.F.; Mesquita, I.M.R. Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: Um estudo com treinadores Portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. *Revista da Educação Física/UEM*. Vol. 22. Num. 2. 2011. p.185-195.
- 16-Gould, D.; Guinan, D.; Greenleaf, C.; Medbery, R.; Peterson, K. Factors affecting olympic performance: Perceptions of athletes and coaches from more and less successful teams. *The Sports Psychology*. Vol. 13. Num. 4. 1999. p.371-94.
- 17-Hirota, V. B.; Silva, L. F. B.; De Marco, A.; -Verardi, C. E. L. Estilo de liderança de técnicos de futebol. *Coleção Pesquisa em Educação Física*. Vol. 10. Num. 5. 2011. p.91-98.
- 18-Marques, D.S.P. Administração de clubes de futebol profissional e governança corporativa: Um estudo de casos múltiplos com clubes do estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade. São Paulo. 2005.
- 19-Marturelli, J.R., M.; Oliveira, A. L. Treinadores de Futebol de Alto Nível: As

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia E Civilização. 2005. Ponta Grossa/Paraná. Brasil. UEL. 2005.

20-Paoli, P.B. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Futebol*. Vol. 1. Num. 2. 2008. p.38-52.

21-Peres, L.; Lovisolo, H. Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*. Vol. 17. Num. 2. 2006. p.211-18.

22-Rodrigues, F.X.F. A formação do jogador no S. C. Internacional (1997-2002). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre. 2003.

23-Soares, A.J.G.; Melo, I.B.S.; Costa, F.R.; Bartholo, T.L.; Bento, J.O. Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 33. Num. 4. 2011. p.905-21.

24-Sousa, P.A.R. A Prata da Casa: a 'mercadoria força de trabalho jogador de futebol' no Brasil pós Lei Pelé. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador. 2009.

Endereço para correspondência  
Marcelo Cozzensa da Silva.  
Endereço: R. Luís de Camões, 625 - Três Vendas, Pelotas-RS, Brasil.  
CEP: 96055-630.

Recebido para publicação em 03/06/2018  
Aceito em 29/07/2018